



# A PRIORIDADE POSTERGADA E O DESCOMPASSO DAS ELITES

Armando Amaral Paes

Neste ensaio, o autor se propõe a demonstrar que o Brasil está muito doente.

"É como se ele fosse um jovem em profundo estado de anemia e que, para capacitá-lo a responder de igual para igual em um meio de jovens fortes e sadios, pretendesse submetê-lo a pesados exercícios físicos e intelectuais", observa, em sinopse apresentada à redação.

E acrescenta:

"É preciso primeiro curá-lo da anemia que o corrói, aumentando sua capacidade de resistência ao meio bioquímico que o enfraquece. Depois, então, e só depois, poder-se-ia tratar com sucesso do seu progresso."

Com base nesse diagnóstico, apresenta causas e faz uma análise prospectiva, cujos fundamentos submete à apreciação do leitor.

## O PRESTÍGIO DAS ELITES E A TRAGÉDIA DAS GERAÇÕES

**A**lgumas nações, mesmo quando despidas de todas as suas possibilidades físicas e econômicas, conseguem ressurgir das cinzas e, ao cabo de poucas gerações, se alinharem novamente entre as mais eficientes e capazes do mundo.

Outras, como o Brasil, a despeito da exuberante potencialidade legada

pelo denodo e competência de nossos antepassados, a cada geração caminha para uma situação de maior ineficiência, quando os padrões das gerações anteriores não conseguem mais ser alcançados.

Não obstante, a nata de suas elites tudo faz para se considerar afinada com as elites mais evoluídas do planeta.

Essa dicotomia entre elites pretensiosas e gerações despreparadas cons-

titui a grande tragédia contemporânea do povo brasileiro.

A cada ano é gerado um número maior de cidadãos que vai aumentar os índices mundiais dos analfabetos, dos viciados, ociosos, violentos, doentes, libertinos etc... formando gerações progressivamente desvalorizadas e despreparadas para realizar qualquer esforço de conquista, dentro de um quadro filosófico e moral que as elites proclamam como paradigma a ser seguido por toda a humanidade.

Tudo se passa como se elas nada tivessem a ver com o triste papel que o insucesso das gerações representa para a involução da sociedade humana como um todo, e o que isso significa de infelicidade para nosso próprio povo.

A nação brasileira está, por isso, tendendo para um triste ocaso histórico.

## O QUE ESTÁ POR VIR

Preocupa-nos o comportamento tão eloquente dessas elites no atendimento dos modismos internacionais e tão abúlico e desinteressado quanto às necessidades das gerações do próprio país. Assim procedendo, elas estão, culposa ou dolosamente, favorecendo interesses estrangeiros no trânsito livre de que necessitam para irem tomando posições de fato e de direito na partilha de um Brasil impotente que está por vir, não só pelo procedimento equivocado dessas elites, como pela determinação internacio-

nal de desmantelamento do que resta do lusitanismo histórico.

Atuando em um país desprovido de um profundo senso de nacionalidade, com gritantes deficiências educacionais e culturais, abdicando de domínios essenciais a sua segurança, como o da energia atômica e o da indústria de defesa, sem uma vontade nacional voltada para a continuidade histórica, essas elites serão sempre muito bem recebidas no seio das elites internacionais, justamente não pelo que dizem, mas pelo que permitem que seja feito em decorrência do que dizem. Trabalham em favor das elites que efetivamente lideram o mundo, como se delas fizessem parte, o que não aconteceria se estivessem interessadas em despertar o gigante adormecido em berço esplêndido e fazê-lo ocupar seu lugar de direito entre as nações, como sonharam os intrépidos e tão esquecidos construtores da nacionalidade brasileira.

## O PROCESSO DISSOCIATIVO E SEUS MITOS

Considerando que o Brasil continuará sendo administrado por gerações com o mesmo perfil cultural das atuais elites e considerando, também, que não haja modificações profundas das nações ditas desenvolvidas com relação aos seus interesses, teremos que admitir, mesmo não querendo, a existência de um processo dissociativo extremamente grave em evolução envolvendo a Amazônia, e a nossa integridade territorial.

Tal dissociação, hoje quase imperceptível, tenderá a evoluir explosivamente, através de um processo com crescimento geométrico, de forma que, em poucas décadas, poderá chegar a níveis insustentáveis, motivados tanto pela nossa tradicional imprevidência republicana, como pela fraqueza dos valores educacionais, normalmente postergados na reestruturação das nossas gerações.

Poderemos chegar, assim, a situação de absoluta incapacidade nacional para garantir e manter de fato a posse da região, se desde já não forem tomadas providências com capacidade real de evitá-lo.

A implantação de uma série sucessiva de mitos tenderão a dar aparência de fatalidade inexorável a uma evolução planejada no exterior para a região amazônica, de modo a pô-la, ao fim de poucas décadas, sob absoluto controle econômico de potências estrangeiras.

Tais mitos apresentam um processo de implantação e de fixação inconsciente ou subliminar, que serão, a seguir discriminados.

#### **1º Mito: A floresta amazônica é os pulmões do mundo**

Está sendo desencadeada uma campanha mundial de preocupação com a floresta amazônica, a pretexto de sua preservação, como imperativo à sobrevivência da própria humanidade.

O povo e o governo brasileiros deverão ficar muito sensibilizados e

compreensivos, aceitando como autêntica a "preocupação" dos povos desenvolvidos com os destinos da Amazônia, o que já está ocorrendo nos dias de hoje.

#### **2º Mito: "É desejo de todos ajudar 'desinteressadamente' a preservação da floresta"**

O país e o povo brasileiro se sentirão lisonjeados com o desinteresse com que todos desejam preservar a Região Amazônica.

Os estrangeiros se apressarão e se esmerarão em oferecer dinheiro ao governo brasileiro para ajudar nessa preservação. Com requintes de altruísmo, ajudarão também a preservação de outras florestas nacionais, até que, ante a nossa reconhecida incapacidade política para administrar verbas, como por encanto, começará a surgir o terceiro mito.

#### **3º Mito: "O Brasil, por si só, não tem condições de preservar a Amazônia"**

Os estrangeiros passarão a "nos ajudar" mais objetivamente, com seu dinheiro, pessoal especializado e tecnologia avançada, criando-se *núcleos de cooperação* disseminados pelos pontos estratégicos ao longo das margens dos rios navegáveis, e que serão administrados por eles "para garantia do êxito do empreendimento".

O Brasil não precisará investir. Bastará que conceda as facilidades de circulação e os benefícios fiscais

necessários, isto é, "iremos apenas cooperar com quem está cooperando conosco".

Assim teremos o ambiente perfeito para o lançamento do quarto mito.

**4º Mito: "Os estrangeiros estarão preservando a Amazônia para o Brasil, em nome da humanidade"**

Como consequência das facilidades concedidas, irá ocorrer a internacionalização da calha navegável dos rios. Aumentará consideravelmente a circulação de embarcações de bandeira estrangeira e o espaço aéreo ficará comprometido com o número crescente de aviões circulando entre os núcleos e o exterior, os núcleos entre si, os núcleos e as áreas internas, perdendo o país qualquer eficiência no controle da circulação na área, isto sem falar da utilização intensiva e crescente do espectro eletromagnético, criando-se um clima de total liberdade entre os *núcleos de cooperação* e os respectivos países patrocinadores. O Brasil acabará por perder o direito ao controle de todos os meios de comunicações e transportes da área.

Os *núcleos de cooperação*, aos poucos, serão transformados em *núcleos de preservação*. O Brasil acabará presente apenas como tomador de impostos e aliciador de votos, que serão dados, cada vez mais, a candidatos comprometidos com os "interesses dos núcleos".

Os núcleos, com total apoio das nações subsidiárias e plena liberdade

de trabalho, cooperando com boas somas para os cofres públicos, irão aprofundando, cada vez mais, o controle sobre o território e o gentio, insuflando os conceitos de liberdade e cidadania de conformidade com decisões tomadas no estrangeiro, de comum acordo com as nações interessadas.

Estará, assim, aberto o caminho para o quinto mito.

**5º Mito: O Brasil só prejudica; os núcleos são conduzidos a sentirem compulsão pela liberdade política e autodeterminação**

A efetiva internacionalização do sistema fluvial permitirá a proliferação de dezenas de *centros econômicos* originários dos antigos *núcleos de cooperação*, agora com territórios delimitados, economia e controles administrativos próprios.

A idéia de liberdade e emancipação política com relação ao Brasil começará a ganhar corpo como a grande solução para os chamados "povos da floresta", que procurarão se constituir em pequenos estados independentes ao longo da calha internacionalizada do rio Amazonas e seus afluentes.

A situação conflituosa irá se tornando grave entre o Brasil e os chamados "povos da floresta".

Como aconteceu com a África, que foi dividida em mais de cinquenta estados, com grande apoio internacional, inclusive da própria ONU e de parte ponderável das elites brasilei-

ras, também a Região Amazônica estará sendo pulverizada em várias dezenas de estados, de conformidade com os interesses dos estrangeiros, que acabarão sendo os beneficiários da potencialidade econômica da região, naturalmente sem qualquer responsabilidade com o seu desenvolvimento social como hoje ocorre com as nações do Terceiro Mundo em geral.

Se não tratarmos objetivamente desse assunto desde já, até o próprio Brasil como um todo, por certo, acabará nas mãos dos manipuladores das riquezas do mundo, por cupidez de nossas elites.

O problema apresentado demonstra um quadro evolutivo que precisa ser sutilmente abortado, com urgência e muita determinação, para evitar que chegue a uma situação incontrolável, a partir da qual os resultados contra o Brasil se tornarão irreversíveis.

O quadro não é tão hipotético como possa parecer aos céticos. Nossa povo, desde há muitos anos, vem sendo sutilmente manipulado por todos os órgãos nacionais e internacionais de relacionamento e comunicação, sob as vistas grossas de uma elite inacreditavelmente desligada de suas responsabilidades e insensível ou incapaz de sentir o problema.

Dentro da realidade que está ocorrendo diante dos nossos olhos e da nossa compreensão, parece absolutamente correto admitir-se que o Brasil poderá não ter condições de

sobrevivência por mais de cinco ou seis décadas com a mesma constituição política e geográfica de hoje, se algo de eficiente não começar a ser feito desde já, para crescemos como nação séria e respeitada, fiel aos nossos interesses.

## DESCOMPROMISSOS COM A REALIDADE BRASILEIRA

Como se verifica, a dicotomia entre o procedimento de nossas elites e as necessidades reais do Brasil decorre do fato de que, no exercício de sua liderança sobre as gerações brasileiras, as elites, muito preocupadas com os modismos a que estão sujeitas, se esquecem de suas obrigações para com os seus antepassados e deturpam sua conduta através da prática desses modismos. Assim, não cuidam dos valores da nacionalidade como deveriam, exageram nos ideais liberais, que acabam descontrolados, desdenham os valores educacionais, que são postergados e, obviamente, julgam que um país militarmente forte é perigoso à sobrevivência das próprias elites.

Com isto se submetem à consideração internacional e entregam o país à própria sorte.

Essas observações constituem os descompromissos das elites para com as realidades das nossas gerações, em função das necessidades do país como nação e, daí, os seus descompromissos com a própria realidade brasileira como, a seguir, discriminados.

## Descompromisso com a nacionalidade

À exceção de um trabalho modesto, porém altamente meritório, exercido pelas Forças Armadas junto à uma pequena parcela da população, bem assim alguns esforços isolados realizados pelo trabalho de poucas entidades civis, o Brasil não possui, hoje, qualquer mecanismo formal destinado a cultuar sua nacionalidade.

O povo brasileiro, talvez entre os de constituição mais complexa do mundo, é formado por grupos étnicos extremamente diferenciados, cada qual com suas virtudes e suas servidões culturais, predisposto a uma gama variadíssima de interesses e atitudes comportamentais, em sua extrema simplicidade, sem a incorporação de qualquer hábito através de uma educação formal. Apenas se ufana de ser brasileiro pelo amor natural à terra onde vive ou são acolhidos os seus elementos constitutivos, como se o País fosse uma simples dádiva da natureza, nascido sem o esforço de ninguém.

Suas elites, igualmente, sem qualquer vinculação ou responsabilidade efetiva com a preservação da nacionalidade a longo prazo, procedem como se as leis históricas que condicionam a formação e a evolução dos povos e das nações não fossem aplicáveis ao Brasil. Sentem e agem sem qualquer preocupação a nível mundial, e julgam a nacionalidade suficientemente bem amparada por força de acordos e tratados. Afinal, para

que tantas preocupações com a nacionalidade, se dizem até que Deus é brasileiro e se não pretendemos dominar este mundo tão acolhedor?

A realidade, entretanto, não é bem assim.

Como primeira condição para preservarmos o Brasil e a Amazônia como um todo, com sua população, suas riquezas e sua integridade territorial, será necessário a realização de um grande projeto destinado ao incremento de um nacionalismo consciente e forte, como se fosse o artigo primeiro e único de uma constituição informal no coração de cada brasileiro, índio, negro, amarelo ou branco.

O estrangeiro, com muito mais empenho do que se supõe, já vem, há bastante tempo e por todos os meios possíveis, minando esse conceito entre nós, com plena conivência de nossas elites, não obstante o estarem tornando cada vez mais vivo e mais forte entre seus povos.

O nacionalismo consciente e bem cultivado constitui, dentro da ciência histórica, a maior força de qualquer nação, a matéria-prima que determina a *Vontade Nacional*, fator absolutamente essencial à secularidade da sua sobrevivência.

Esse valor, fator básico e essencial à manutenção de nossa *Unidade Nacional*, está assustadoramente declinando entre nós. O Brasil está se tornando, por isso, uma nação extremamente fácil de ser dividida, o que deve ser grande preocupação para os

que estão ainda conscientes do problema.

Por isso os governos, responsáveis pela preservação da sobrevivência nacional perante a história, precisam se compenetrar da necessidade de ser feito um trabalho correto de âmbito nacional, com o sentido de promover o fortalecimento deste sentimento, valorizando-o, a despeito dos interesses internos e externos a serem contrariados.

Ou caminhamos na busca da nossa naturalidade e o respeito das grandes nações, com autoridade e poder, ou a ciência histórica cuidará da nossa evolução dentro do interesse das nações mais capazes.

O assunto é extremamente sério e muito mais profundo do que possa parecer aos leigos, aos surdos, e às elites pretensiosas e desinteressadas pelos destinos da Nação a longo prazo.

### **Descompromissos com a educação, as liberdades e a cultura**

Com o povo constituído por um conglomerado cultural extraordinariamente complexo, não é fácil a obtenção de um denominador comum na aquisição, assimilação e incorporação de valores em cada geração, bem como sua reestruturação, para transferência às gerações que se sucedem.

Há apenas alguns séculos atrás, essas dificuldades eram tratadas pelas

nações através da simples imposição da lei do mais forte, exterminando, subjugando ou segregando os povos de cultura mais elementar. Com o advento do liberalismo, entretanto, uma nova consciência de igualdade e fraternidade estabeleceu o direito de oportunidade com liberdade para todos.

No Brasil os novos conceitos liberais favoreceram o posicionamento dos diversos grupos étnicos e culturais, que passaram a agir muito mais em função e a favor do fortalecimento de suas raízes culturais, do que no fortalecimento e enriquecimento de uma gama de valores comuns, que todos precisam continuar incorporando e sedimentando para fortalecer, cada vez mais, o sentimento de unidade desta Nação, como a mais representativa e mais significativa amostragem da coexistência pacífica dos homens de todas as origens, sob uma única unidade política.

Dentro do conceito de liberdade como um instrumento pleno a serviço e satisfação dos interesses de todos e de cada um, somos conduzidos a concluir que, se esta liberdade não for delimitada, na prática ela se reduzirá ao simples direito do mais forte sobre os mais fracos, como vem ocorrendo, e que acabará com a eclosão do caos.

A todos é dado o direito de levar vantagem, na medida de sua vontade ou de seus interesses, assegurado pela força ou pelos instrumentos de pressão de que dispuser. O político, ao

seu talante, por utilizar sua força para dilapidar o erário ou os bens públicos, como os afortunados, possui pleno direito de utilizar os recursos "disponíveis" para aumentar sua fortuna, e os desafortunados, por qualquer meio eficiente, poderão também ir em busca da riqueza fácil. Os meios de comunicação levarão a opinião pública para onde lhes aprovarem, etc...

A liberdade sem freios leva ao império dos desvalores que, por sua vez, leva à destruição moral, social e nacional. Se há um interesse real em salvar a Nação de um futuro degradante, há que se fazer algo com urgência, para disciplinar a liberdade, não obstante os interesses e as dificuldades em contrário.

O assunto é complexo e vai muito além dos limites da lei e das "normas" vigentes. Ou estabelecemos rígidos padrões de conduta ética e moral ou o liberalismo sem freios acabará com o Brasil.

Será só questão de tempo.

O povo brasileiro, em meio a esta liberdade sem limites, geradora das liberalidades e até da libertinagem inconsequente, a partir do procedimento íntimo de cada cidadão, vem perdendo a noção dos valores educacionais ou sociais mais elementares como o decoro, o recato, o pudor, a austeridade, a lisura, a honradez, a probidade, a ética, a moral, o cívismo etc...

A educação, por se referir aos valores a serem incorporados ao com-

portamento dos indivíduos e das gerações, hoje não existe como procedimento sistematicamente praticado no Brasil. O ensino, que se refere a aprendizagem de conhecimentos e aptidões, não trata de incorporação de valores às gerações e, por isso, sem a regência da educação as está conduzindo para a perplexidade utópica que testemunhamos em nossos dias.

A supressão da educação nas atividades diuturnas e, principalmente, nas atividades interativas e de comunicações públicas, tem contribuído para deteriorar a qualidade humana da sociedade brasileira como um todo, gerando a crescente deturpação até de suas elites que estão, por isso, conduzindo a nação para a beira de um inexorável abismo.

Tudo se passa como se o grande compromisso fosse com a liberdade e não com a nacionalidade, dentro da qual a liberdade ficaria condicionada ao direito de todos, à coexistência e ao interesse do aperfeiçoamento social e sobrevivência da própria Nação, e não como é hoje, a Sociedade e a Nação sendo destruídas em nome dos direitos individuais, avaliados segundo a força e o interesse de cada um.

Ainda uma grande aberração educacional deve ser observada, como o descompromisso com a cultura, assunto que, considerando nossas peculiaridades, torna-se também bastante complexo.

Ao invés de se fazer uma amál-

gama dos valores verdadeiros culturais de todas as nossas etnias, reestruturando-se e transferindo-se o que cada uma tem de autêntico e de elevado, de sorte a se construir um belíssimo acervo cultural brasileiro, a omissão e o abemolamento moral das elites estão transferindo o assunto para as mãos de aproveitadores e espectralhões amoraís que, dentro da libertinagem reinante, apresentam ao mundo uma imagem depreciativa do Brasil, como se fôssemos um povo ordinário, sem recato, de comportamento cultural insipiente, calcado na deturpação dos mais baixos instintos, todo ele baseado em erotismo primário e vulgar, como se já fôssemos um país em pleno processo histórico de autodestruição.

Isso também torna os interesses estrangeiros bastante facilitados, pelos baixos padrões vigentes, em razão do que a dissolução nacional passa a ser uma simples questão de tempo, face a baixa qualidade real dos valores de seus cidadãos e de suas elites.

### Descompromisso com a segurança nacional

Nossos colonizadores, com possibilidades econômicas infinitamente menores do que as de que dispomos hoje, foram capazes de construir a grandeza territorial dos seus domínios, desde os confins da Amazônia até defronte da cidade de Buenos Aires, com extraordinário denodo, heroísmo e grande determinação.

Disso, além da História, temos tes-

temunhos materiais até hoje.

Esse valores que, historicamente, nos foram legados estão se perdendo pela falta de uma determinação nacional vibrante e bem definida em honrarmos os esforços dos nossos antepassados e legarmos aos nossos pósteros uma nação maiúscula, ao nível da grandeza com que fomos gerados.

Ao contrário, temos cultivado desvalores e nos tornado omissos, transformando o país em uma nação de seres medíocres e acomodados, aceitando a paz dos fracos e dos covardes, que preferem viver à sombra e sob a proteção das nações fortes e determinadas, quando temos tudo para ser, e deveríamos ser, sem nenhum favor, uma delas.

Nossas elites não estão nem um pouquinho preocupadas com essa responsabilidade histórica. Isso geraria sérios antagonismos com as elites do mundo onde, sem esforço e sem authenticidade, pretendem estar inseridas.

Devemos buscar uma convivência internacional honrosamente participativa com todas as nações, qualquer que seja ela, contando com nossa plena capacidade de assegurarmos um alto nível de respeitabilidade de fato, gerado pelos nossos valores e pela própria capacidade de nos defendermos, para justificar, plenamente, a nossa presença como nação de alto nível na face da terra.

Fora esta determinação que, sem dúvida, nos falta, estaremos levando a Nação, não para os confins do "ter-

ceiro" ou "quinto" mundo, como hoje é sabido e acomodadamente notório, mas para o próprio ocaso nacional.

Qualquer extração da análise deste tema nos levará a concluir que, sorrateiramente, em termos históricos, sem uma efetiva capacidade nacional de nos defender, estamos em rota de colisão com o fim, o que cumpre a todo custo evitar. Os modismos externos e os interesses imediatistas das elites deixam-nas totalmente cegas para a percepção deste problema.

Nossa grande extensão territorial somada às particularidades das riquezas do nosso subsolo e, particularmente, às nossas diversidades culturais, tornam por demais evidente a extrema necessidade de termos uma capacidade de defesa com alto poder de dissuasão, para pronta e imediata resposta a qualquer ameaça a nível mundial. Isso nos dará condições para resolvemos nossas diferenças internas e tratarmos de qualquer problema específico, sem estarmos em situações desvantajosas com relação a nossa segurança frente a qualquer ameaça que seja.

A Segurança Nacional, nos termos em que se acha efetivamente equacionada, não atende nem mesmo a uma situação totalmente fora da realidade brasileira de hoje. Ela se encontra até mal adaptada a um Brasil pequeninho, situado em um "mundinho", do tamanho da América do Sul.

Urge acordarmos para esta realidade colocando o País em termos de

sua verdadeira grandeza. É, portanto, imperioso que, a despeito dos interesses em contrário, se institua, desde já, uma nova e objetiva Política de Defesa Nacional, adequada às características das possíveis ameaças atuais e futuras.

A mobilização industrial no mundo de hoje é feita antes de as ameaças se caracterizarem. A rapidez com que as situações evoluem só favorece a quem estiver preparado para antecipadamente enfrentá-la. Não há mais tempo útil para mobilização industrial *a posteriori*.

Urge que começemos a implantar, desde já, esta capacidade de defesa, para ficarmos em condições de mobilizar forças prontas e capazes, e não apenas os recursos a serem preparados para salvaguarda de responsabilidade. Precisamos ficar em condições de nos defender em conformidade com a moderna dinâmica das ações militares.

Para nossa defesa, não precisamos chegar ao extremo da bomba atômica, de consequências tão funestas, porque temos outras soluções eficientes. Entretanto, não podemos prescindir das demais aplicações da energia nuclear a nível militar, para assegurarmos o respeito e as considerações a que fazemos jus no quadro geral das nações, a despeito do que possam pensar as elites do mundo e, até mesmo, parte das nacionais desligadas das suas responsabilidades para com a Nação.

Um ousado plano nacional de de-

fesa representa hoje a saúde da sobrevivência nacional. Sem ele não haverá saúde de espécie alguma, como ocorre com alguns povos africanos. E é o que, certamente, irá ocorrer com os chamados "povos da floresta", se não formos objetivos desde já.

## A INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA

### O Problema da estrutura nacional

Do exposto parece não haver dúvidas de que uma vez tenha o país uma estrutura nacional normalmente sólida e sadia, o grande trabalho das nossas elites será o de preparar gerações constituídas por cidadãos dotados dos seguintes valores:

- um alto sentimento nacionalista, sem medo do jacobinismo, ao mesmo nível dos povos das grandes nações;
- um liberalismo moderado e racional, com todas as liberdades sob rigorosos códigos de ética, funcionando a partir da própria consciência de cada cidadão, sem a ação deletéria e destruidora do amoralismo.
- uma educação humanística ou pragmática, mas inteiramente compatível com os valores que significam o homem como animal social superior e a sociedade brasileira como um todo, de sorte que as regras do comportamento libertino de hoje venham

a ser as exceções de amanhã.

Afinal o que se preconiza, em linhas gerais, é o mesmo que sempre tem sido preconizado em todas as Constituições, em todas as Diretrizes e Bases para a Educação, em todas as campanhas eleitorais etc...

A cada governo renova-se o interesse em alcançar objetivos nessas áreas. Por que então, a despeito de nossos esforços, nunca chegamos aos resultados que realmente esperamos?

Se mais uma vez nos mobilizarmos para resolver os problemas fundamentais da nação, como saúde, moradia, educação, energia, transporte, finanças etc..., por certo novamente correremos o risco de chegarmos a resultados igualmente deturpados.

Tal problema, que não é característico apenas do Brasil, decorre do fato de estarmos trabalhando sobre uma estrutura apenas teoricamente sólida e estável, mas que, na realidade, funciona como verdadeiro castelo de areia, com forma porém sem solidez.

Elementos estranhos, subrepticamente, controlam, ao seu talante, as forças que compõem essa estrutura. Em vários outros países, também dotados de grandes extensões territoriais e fortes contingentes populacionais, o assunto também tem sido detectado e estudado com muito empenho por suas elites responsáveis, parecendo não haver dúvidas de que fatores imperceptíveis muito eficientes sempre estão presentes, trabalhando para anular os objetivos do esforço nacional.

ceiro" ou "quinto" mundo, como hoje é sabido e acomodadamente notório, mas para o próprio ocaso nacional.

Qualquer extração da análise deste tema nos levará a concluir que, sorrateiramente, em termos históricos, sem uma efetiva capacidade nacional de nos defender, estamos em rota de colisão com o fim, o que cumpre a todo custo evitar. Os modismos externos e os interesses imediatistas das elites deixam-nas totalmente cegas para a percepção deste problema.

Nossa grande extensão territorial somada às particularidades das riquezas do nosso subsolo e, particularmente, às nossas diversidades culturais, tornam por demais evidente a extrema necessidade de termos uma capacidade de defesa com alto poder de dissuasão, para pronta e imediata resposta a qualquer ameaça a nível mundial. Isso nos dará condições para resolvemos nossas diferenças internas e tratarmos de qualquer problema específico, sem estarmos em situações desvantajosas com relação a nossa segurança frente a qualquer ameaça que seja.

A Segurança Nacional, nos termos em que se acha efetivamente equacionada, não atende nem mesmo a uma situação totalmente fora da realidade brasileira de hoje. Ela se encontra até mal adaptada a um Brasil pequeninho, situado em um "mundinho", do tamanho da América do Sul.

Urge acordarmos para esta realidade colocando o País em termos de

sua verdadeira grandeza. É, portanto, imperioso que, a despeito dos interesses em contrário, se institua, desejá, uma nova e objetiva Política de Defesa Nacional, adequada às características das possíveis ameaças atuais e futuras.

A mobilização industrial no mundo de hoje é feita antes de as ameaças se caracterizarem. A rapidez com que as situações evoluem só favorece quem estiver preparado para antecipadamente enfrentá-la. Não há mais tempo útil para mobilização industrial *a posteriori*.

Urge que começemos a implantar desde já, esta capacidade de defesa para ficarmos em condições de mobilizar forças prontas e capazes, e não apenas os recursos a serem preparados para salvaguarda de responsabilidade. Precisamos ficar em condições de nos defender em conformidade com a moderna dinâmica das ações militares.

Para nossa defesa, não precisamos chegar ao extremo da bomba atômica, de consequências tão funestas, porque temos outras soluções eficientes. Entretanto, não podemos prescindir das demais aplicações da energia nuclear a nível militar, para assegurarmos o respeito e as considerações a que fazemos jus no quadro geral das nações, a despeito do que possam pensar as elites do mundo e, até mesmo, partes nacionais desligadas das suas responsabilidades para com a Nação.

Um ousado plano nacional de de-

fesa representa hoje a saúde da sobrevivência nacional. Sem ele não haverá saúde de espécie alguma, como ocorre com alguns povos africanos. E é o que, certamente, irá ocorrer com os chamados "povos da floresta", se não formos objetivos desde já.

## A INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA

### O Problema da estrutura nacional

Do exposto parece não haver dúvidas de que uma vez tenha o país uma estrutura nacional normalmente sólida e sadia, o grande trabalho das nossas elites será o de preparar gerações constituídas por cidadãos dotados dos seguintes valores:

- um alto sentimento nacionalista, sem medo do jacobinismo, ao mesmo nível dos povos das grandes nações;
- um liberalismo moderado e racional, com todas as liberdades sob rigorosos códigos de ética, funcionando a partir da própria consciência de cada cidadão, sem a ação deletéria e destruidora do amoralismo.
- uma educação humanística ou pragmática, mas inteiramente compatível com os valores que significam o homem como animal social superior e a sociedade brasileira como um todo, de sorte que as regras do comportamento libertino de hoje venham

a ser as exceções de amanhã.

Afinal o que se preconiza, em linhas gerais, é o mesmo que sempre tem sido preconizado em todas as Constituições, em todas as Diretrizes e Bases para a Educação, em todas as campanhas eleitorais etc...

A cada governo renova-se o interesse em alcançar objetivos nessas áreas. Por que então, a despeito de nossos esforços, nunca chegamos aos resultados que realmente esperamos?

Se mais uma vez nos mobilizarmos para resolver os problemas fundamentais da nação, como saúde, moradia, educação, energia, transporte, finanças etc..., por certo novamente correremos o risco de chegarmos a resultados igualmente deturpados.

Tal problema, que não é característico apenas do Brasil, decorre do fato de estarmos trabalhando sobre uma estrutura apenas teoricamente sólida e estável, mas que, na realidade, funciona como verdadeiro castelo de areia, com forma porém sem solidez.

Elementos estranhos, subrepticamente, controlam, ao seu talante, as forças que compõem essa estrutura. Em vários outros países, também dotados de grandes extensões territoriais e fortes contingentes populacionais, o assunto também tem sido detectado e estudado com muito empenho por suas elites responsáveis, parecendo não haver dúvidas de que fatores imperceptíveis muito eficientes sempre estão presentes, trabalhando para anular os objetivos do esforço nacional.

## A juventude e as elites como instrumento

Esses fatores são determinados por uma sutil mas eficiente interveniência estrangeira no processo nacional.

Países estrangeiros, exibindo e alardeando altos padrões de vida, geram imperceptíveis sentimentos de inferioridade. De forma subliminar, introduzem e favorecem o fortalecimento de antivalores na formação da juventude, em todas as áreas do conhecimento e do comportamento humano, ao mesmo tempo em que desenvolvem programas complexos no sentido de deixarem as elites nativas e as massas populacionais condicionadas a um comportamento adequado a favorecer seus planos e interesses.

Adicionando-se a isto as pressões exercidas diretamente e o somatório dos valores negativos insuflados na alimentação do sentimento de inferioridade nacional, temos, socialmente, a geração de um grande desejo em nossas elites de se aproximarem, o mais possível, das elites externas de bom nível, abandonando as massas que ficam, cada vez mais, entregues ao desânimo da inferioridade nacional.

Como consequência, vemos essas elites inconscientemente entregues aos modismos estrangeiros como mecanismo de comportamento, enquanto o povo vai se estratificando em um retrocesso cultural incompatível com as necessidades do desenvolvimento nacional. É o que vem ocorrendo com

as estruturas nacionais, paulatinamente perdendo toda capacidade de reação, tal como ocorre com as nações subdesenvolvidas em geral.

## O Colonialismo moderno

Verificamos, então, um quadro tão triste para nós brasileiros como caricato para o estrangeiro: Nossas elites se debatendo com soluções muito estudadas, bastante elaboradas até, para livrar o Brasil dos seus problemas crônicos, enquanto todos tergiversam, notadamente as elites políticas, quando se trata de tornar mais sólida nossa estrutura nacional, ao menos compatível com a de suas congêneres de capacidade econômica equivalente.

Através dos modismos vão convencendo o próprio povo brasileiro a estar cada vez mais voltado para as futilidades de um individualismo amoral, apátrida e as filosofias utópicas, enquanto elas, à medida que vão tendo guarida nos meios internacionais, vão se convencendo de que cada vez dependem menos daquilo que efetivamente representa a Segurança Nacional. Esta passa a ser maléfica, até mesmo para os objetivos particularizados das próprias elites.

Ficamos, assim, direta e indiretamente, sob os efeitos da influência estrangeira e dos modismos que ela determina e que atuam, inexoravelmente, em todas as atividades nacio-

nais, até mesmo onde parece não haver importância significativa.

Essa atuação é feita de forma tão sutil ou tão impositiva quanto for necessária para a obtenção dos resultados ou dos efeitos desejados.

E, enquanto preponderar sua influência, de nada valerá qualquer tentativa para solução definitiva de qualquer problema nacional, pois que será apenas uma questão de mais ou menos tempo para voltarmos aos padrões de inferioridade, compatível com os interesses estrangeiros, anulando-se todos os esforços que tiveram sido realizados.

Isso é o que podemos chamar de Colonialismo Psicológico ou Colonialismo Moderno, em franca atividade contra as elites indefesas do chamado Terceiro Mundo. Tal influência, infelizmente, é uma realidade da qual precisamos de muita humildade para entendê-la e muita determinação para conseguirmos nos livrar dos seus efeitos.

Ocorre, no entanto, que determinação é um valor já bastante comprometido pelos modismos a que nossas elites estão sujeitas. Reside aí, talvez, a maior dificuldade para que o País se disponha a reagir com discernimento e independência com relação a essa influência que mascara os seus mais íntimos, importantes e fundamentais interesses.

Como prova disso, assistimos recentemente a cúpula de nossas elites, no ensejo de agradar às elites estrangeiras, fazer o jogo de interesse de uma pseudo-opinião pública mundial,

voltando-se contra as próprias Forças Armadas Nacionais, como se elas fossem criminosas, por estarem desejando dar soluções condignas ao problema de Soberania Nacional. Desse modo deixam-se levar a ridículas e levianas demonstrações de imaturidade, além de total desrespeito aos valores maiores da nacionalidade que deveriam, no mínimo, preservar. Como se vê, as elites se esforçam para ascenderem ao "primeiro mundo", até mesmo ao preço da queda do próprio país ao fim do mundo.

Essa posição, dita "filosófica", precisa ser revertida, o quanto antes, a favor do fortalecimento da estrutura nacional, base ou sustentáculo de todos os ideais verdadeiramente nacionais.

## REAÇÃO AO COLONIALISMO MODERNO

### Nossas elites precisam meditar

Nações que dispunham de grandes áreas territoriais e crescentes contingentes populacionais, como a China e a Índia, resolveram enfrentar o problema da influência estrangeira de que, historicamente, não conseguiam se libertar. Com coragem e determinação passaram a considerar a Segurança Nacional como prioridade absoluta. Instituíram-se como a riqueza básica capaz de lhes dar a capacitação necessária para efetivamente regular e regulamentar a inter-

veniência estrangeira em seus assuntos.

Partiram, sem perguntar a opinião de ninguém, para o controle e a posse dos artefatos nucleares, estabelecendo uma condição de igualdade por cima com todas as nações do globo, e passando a merecer, de todas elas, o verdadeiro e devido respeito. A China, com o advento de sua bomba atômica, passou, dos confins do Terceiro Mundo, diretamente para o Conselho de Segurança da ONU, e hoje cuida em paz dos seus problemas internos, de suas cidades, do seu povo, enfim, do progresso nacional com toda autoridade para anular os apetites e a ação deletéria dos antigos aproveitadores de sua fraqueza, ao contrário do que vem acontecendo hoje com o Brasil.

Estamos nos sentindo indefesos à preparação estrangeira para uma inexorável apropriação econômica do solo e subsolo amazônico através da torpe exploração da ingenuidade dos chamados "povos da floresta". E não tenham nossas elites as dúvidas dos ingênuos: seremos os vilões da história pois, nesta jogada, o mundo estará contra nós, e a própria ONU também.

Nossa saída, no caso, é a mesma da China e da Índia. Precisamos, ao menos, ter capacidade para exercer um alto nível de dissuasão. Se não tivermos capacidade para efetivamente nos defender, acabaremos tacados de inimigos da própria humanidade, conforme os planos su-

tilmente em execução, dentro de um futuro que não está muito longe de acontecer.

O mundo dos desenvolvidos, em que pese qualquer jogada diplomática, só tem respeito pelos povos capazes de retaliação efetiva às suas sanções e ao seu poder.

Tal, infelizmente, não é o caso do Brasil, com seus pacifistas abemolados, vivendo as comodidades da fraternidade de um pacifismo irresponsável, que os desobriga do dever essencial de assegurar a sobrevivência da Nação, até para seus próprios descendentes, e suas elites confortavelmente usufruidoras de uma *financocracia* muito bem engendrada para carrear a seus bolsos improdutivos o resultado da renda que deveria ser nacional, e não apenas de parte ínfima da população, com sua quase totalidade cada vez mais empobrecida.

### O mundo está se tornando menor

A reação dos povos subdesenvolvidos da área asiática, buscando a maioria nacional através da afirmação alicerçada em altos padrões de segurança e determinação nacionais, tem tornado extremamente dificultadas as atividades da cobiça estrangeira na área.

Como consequência, os espaços disponíveis a essas atividades estão sendo sensivelmente diminuídos, determinando acentuado aumento de interesse nas áreas ainda indefesas,

como a África e a América Latina e, dentro desta, o espaço amazônico.

Daí, o grande desempenho havido em décadas ainda recentes para tirarem o Brasil de uma natural liderança, com o possível recrudescimento de um lusitanismo moderno, o que efetivamente conseguiram e, também, o trabalho em curso para conquistarem os valores econômicos abrigados pela imensidão virgem e indefesa da Amazônia.

Torna-se, pois, absolutamente necessário que nossas elites sejam questionadas para o momento histórico que estamos vivendo.

Formadas dentro de um conceito subliminar de que somos parte de uma "aldeia ingênua", por certo terão dificuldades para perceberem que, como na China e na Índia, também no Brasil a prioridade absoluta, neste momento, é a efetiva capacitação da Defesa Nacional, tão postergada e até ridicularizada, quando deveria ter sido tratada ao menos com o denodo e a determinação com que nossos colonizadores e a própria monarquia procuraram assegurar, legando-se este imenso território e esta admirável unidade nacional, que, segundo nossas elites, teriam caído do céu.

O sangue do Brasil, hoje tão doente e tão carente de recuperação, depende, basicamente, desta percepção, pois tudo foi conquistado a custo de um esforço inaudito que as elites semíviras e abemoladas de hoje, embora não pareçam dispostas, precisam continuar.

O Brasil necessita, antes de tudo, tratar do seu sangue doente e se tornar um organismo forte e sadio. Sem uma *Determinação Nacional* capaz de assegurar, a qualquer preço, a Segurança Nacional, alicerce precioso e inequívoco sobre o qual deveremos projetar e construir um Poder Nacional autêntico, capaz de sustentar nossos anseios de respeito por parte de todas as nações, não fomentaremos a paz dos justos sem ressentimentos de inferioridade nem a ordem e progresso que norteiam a própria existência nacional.

O Brasil precisa ser tratado com a importância devida pelo que representa na face da terra e, após isto então, teremos condições de prosperar, educar, enriquecer e ficarmos orgulhosos pelo que representamos em termos de coexistência humana, para exemplo de todos os povos, nações e religiões, como sonham hoje nossas elites mais responsáveis.

Precisamos ter a saúde cívica dos grandes povos para que possamos ser reconhecidos como portadores de forte personalidade nacional.

Como se vê, a base de tudo, o segredo de tudo, são elites determinadas, voltadas para o futuro do país e altamente imbuídas dos deveres supremos da nacionalidade, alicerçadas em uma sólida e indiscutível capacidade nacional de defesa, que também precisamos construir, a todo custo, desde já.

## PARA CONCLUIR

Como consequência verificamos dois fatos bem marcantes: nossas elites, cada vez menor em número e maior em capacidade econômica e financeira, estão se divorciando do autêntico nacionalismo e, à medida que se comprimem em número, mais vão se aproximando das elites estrangeiras. De outro lado, o povo brasileiro, em plena explosão demográfica, caminhando em sentido contrário ao desenvolvimento, tende ao desespero, lutando pela própria sobrevivência individual.

Em meio a essa dicotomia situa-se a contínua exploração do povo brasileiro e o contínuo enfraquecimento do Brasil como nação.

Fingindo não perceber o perfil triste que, pela cupidez e imprevidência de nossas elites, se nos afigura para o futuro, estamos substituindo a antiga imagem do gigante adormecido por uma outra muito pior — a do gigante amolecido e relegado à triste condição de conformado em não ser tido como nação séria e viril, e que só ainda não deixou de ser grande e rica pela determinação e garra dos seus antepassados, de quem hoje tanta gente até se envergonha.

Situação triste é esta a que estamos chegando, sem a menor sensibilidade ou qualquer reação válida por parte das elites.

Não podemos pretender um Brasil de povo próspero, educado e progressista usufruindo uma soberania que apenas pensa que tem. Não chegaremos a parte alguma com elites incapazes de assegurar e manter o arcabouço da nação que lhes foi legada, deixando esta tarefa a cargo dos pretensos valores de que estaria imbuída a própria humanidade, como se a ela, e não a si, coubesse a tarefa de o manter e o fazer respeitado.

É como se o Brasil fosse uma consequência dos céus ou da bondade do mundo, e não uma dádiva dos nossos antepassados que a nós, e não a eles, cumpre indeclinavelmente preservar.

Como se verifica, está faltando ao Brasil a riqueza das riquezas que é a determinação das próprias elites em preparar o Brasil para que ele se apresente ao mundo como uma nação forte, viril, decidida e capaz, que veio para ficar e lutar por seu espaço, desencorajando os afoitos.

Todos sabem que a condição básica para a continuidade nacional é a segurança, sem a qual todo progresso é efêmero como castelo de areia. E esta segurança é a grande prioridade postergada.

O Brasil tem todos os elementos de que necessita para se constituir nesta nação pujante e realmente soberana que o povo brasileiro deseja ser. Para tanto, é necessário apenas que nossas elites se compenetrem desta responsabilidade como inalienável a todos, e não a determinadas

categorias em particular, e propugnam para uma união nacional em torno deste assunto que pode ser antípatico, incômodo e até muito antieconômico a curto prazo, mas que é, sem dúvida, a grande prioridade que, se não for resolvida a partir de hoje,

de nada irá valer qualquer outro esforço, por mais atraente ou eleitoreiro que seja.

Com o passar de algumas poucas gerações de nada terá valido o esforço inaudito dos nossos antepassados.

As elites acabarão com o Brasil.



**ARMANDO AMARAL PAES** é Tenente-Coronel RI de Infantaria. Oriundo do COR, que capacitou oficiais R2 que participaram da FEB a prosseguir a carreira militar, possui, além deste, os cursos de Material Bélico, Técnica de Ensino, Aperfeiçoamento de Oficiais e Relações Públicas (Escola de Administração Pública do Ministério da Fazenda). Participou de vários cursos de extensão na ESG (com trabalhos apresentados) e na ADESG. Trabalhou na CETEST para o governo de São Paulo. Em 1973 ingressou na AVIBRAS Indústria Aeroespacial S/A, da qual foi gerente de vendas nacionais e gerente do escritório do Rio de Janeiro. É membro do seu conselho consultivo e um dos seus cotistas.